



A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO LÚDICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PEDIATRIA

Camila Batista Nóbrega Paiva (1); Natalya Lima de Vasconcelos(2); Isabelle Tavares Amorim (Orientador)

(Hospital Universitário Lauro Wanderley, camilanobrega_@hotmail.com)

Resumo: O contexto do adoecimento/hospitalização traz uma carga de sofrimento tanto para a criança, quanto para seus familiares, pois configura-se como uma situação crítica que pode desencadear estados de ansiedade, depressão ou angústia, devido a se configurar como uma situação desconhecida e ameaçadora, com imposição de rotinas rígidas e permeada por procedimentos invasivos e dolorosos. Diante desta situação, verifica-se a necessidade de uma escuta qualificada e genuína ao paciente e seus familiares, haja vista que no presente momento de fragilidade emergem conflitos anteriores à hospitalização que precisam ser elaborados a fim de não pesarem ainda mais sobre a experiência atual, que por si só já é traumática. Além dessa escuta, outro recurso de ajuda a criança é o brincar, que é um pré-requisito para o desenvolvimento saudável sendo, portanto, fundamental neste processo para facilitar a elaboração dos conflitos ocasionados pela hospitalização. Desta forma, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do setor de psicologia na pediatria com a utilização de ludoterapia para os pacientes em regime de internação na clínica pediátrica do HULW. Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, do tipo relato de experiência da prática profissional em Psicologia Hospitalar, desenvolvida no HULW, a partir da descrição das intervenções psicológicas que são realizadas a partir de recursos lúdicos. O local onde foram realizadas as intervenções é a Clínica Pediátrica do HULW, que conta atualmente com 32 leitos, e há uma psicóloga de referência, que atua diariamente, e uma residente em psicologia. No ambiente hospitalar, o trabalho com a ludoterapia pode ser realizado através de diversas técnicas e recursos, desde o desenho, que visa facilitar a organização de informações e a elaboração das experiências vividas, como também a criação de histórias pelas crianças, nas quais o psicólogo analisará os padrões de pensamento, resolução de problemas e reações emocionais dos personagens trazidos. Para ajudar na explicação sobre a doença e o tratamento que está sendo realizado, recursos lúdicos como, brinquedos dirigidos, folders elucidativos, livros de histórias terapêuticas, entre outros, tornam-se muito importantes. A preparação da criança para passar por esses procedimentos torna-se essencial, e, para isto, pode-se usar o ensaio comportamental através do uso de modelagem com materiais lúdicos hospitalares, trazendo a explicação de todo procedimento e reações que poderão ocorrer, para assim, prevenir crises e minimizar a ocorrência de comportamentos não colaborativos. Quando percebemos no paciente estados de angústia diante a hospitalização, gerando apatia, utilizamos histórias que narram a transformação dos personagens, para, assim, oferecer esperança. Utilizamos também o espaço da brinquedoteca hospitalar do HULW para incentivar à participação em atividades sociais e prazerosas, já que estas tendem a diminuir a ocorrência de comportamentos de retração ou isolamento. Diante do exposto, percebe-se que realizar intervenções psicológicas que utilizem o brincar, colabora com a criação de novas formas da criança lidar com a doença e a hospitalização, devendo fazer parte da prescrição médica, ocupando um lugar de destaque no âmbito da promoção da saúde e atendimento integral à criança.

Palavras-chave: criança hospitalizada; humanização; psicologia pediátrica; ludoterapia
- Introdução;

O contexto do adoecimento trás uma carga de sofrimento tanto para o doente, quanto para seus familiares. Assim também acontece quando o paciente é criança, estando tanto ela quanto sua família, envolvidos no processo de



hospitalização. Ocorre que as atividades corriqueiras de suas vidas ficam temporariamente interrompidas, estando a criança privada de sua rotina natural. Assim, os profissionais do hospital precisam ajudar no processo de ajustamento desta criança e de sua família ao contexto atual (RIBEIRO; et al 2014).

A hospitalização é uma situação crítica que pode desencadear estados de ansiedade, depressão ou angústia, devido a se configurar como uma situação desconhecida e ameaçadora, com imposição de rotinas rígidas e permeada por procedimentos invasivos e dolorosos. Pelo caráter potencialmente estressor, a hospitalização pode afetar e comprometer o desenvolvimento biopsicossocial da criança, haja vista a insuficiência de recursos simbólicos e adaptativos para lidar com as transformações, por este motivo, dependendo do grau de compreensão que a criança possuir, ela pode entender a doença como uma mudança, uma perda, um inimigo, um castigo por algo que fez, ou, por outro lado, entender como uma oportunidade de não ir à escola, de chamar atenção, ou mesmo uma oportunidade para o crescimento e desenvolvimento pessoal (CASTRO, 2007; BISCH; SANCHEZ, 2014; DIAS; BAPTISTA; BAPTISTA, 2014).

Diante desta situação, verifica-se a necessidade de uma escuta qualificada e genuína ao paciente e seus familiares, haja vista que no presente momento de fragilidade emergem conflitos anteriores à hospitalização que precisam ser elaborados a fim de não pesarem ainda mais sobre a experiência atual, que por si só já é traumática. Além dessa escuta, outro recurso de ajuda a criança é o brincar, que é um pré-requisito para o desenvolvimento saudável sendo, portanto, fundamental neste processo para facilitar a elaboração dos conflitos ocasionados pela hospitalização, pois ele é próprio da criança e o meio através do qual ela aprende, compreende, vivencia, expõe emoções e conflitos e, dessa forma, facilita o desenvolvimento e interações sociais. Segundo Winnicott (1975) quando a criança brinca entra num nível de imaginação em que não é facilmente invadida, trazendo para a brincadeira conteúdos de sua realidade, o que torna brincar uma forma de linguagem, um simbolismo que substitui as palavras, assim a brincadeira é usada para formular e assimilar aquilo que experiencia (OAKLANDER, 1980).

Diante disso, a autora considera o brincar como uma forma de autoterapia capaz de elaborar confusões, ansiedades e conflitos, pois é através da segurança da brincadeira que ela experimenta suas próprias novas formas de ser. Fundamentada na concepção de que o brincar permite uma pluralidade de meios de expressão para um mesmo conteúdo, Axline (1980)



propôs uma abordagem psicoterápica, a ludoterapia, como meio de ajudar a criança a apropriar-se dos seus sentimentos e problemas.

A aplicação da ludoterapia no meio hospitalar auxilia no processo de adaptação da criança, diante de transformações que ocorrerão no momento em que ela é submetida à internação. Então a ludoterapia ajuda a criança na sua adaptação ao processo de hospitalização, através do incentivo à expressão dos sentimentos e estímulo a criatividade, iniciativa, autoconfiança do paciente, comunicação, e a construção e reconstrução da própria individualidade, tendo um importante valor terapêutico por proporcionar a manutenção de um aspecto da vida normal a esta criança hospitalizada (BISCH; SANCHEZ, 2014; MOTTA; ENUMO, 2010; RIBEIRO, et al, 2014).

Considerando a importância do brincar, a criação de espaços lúdicos nos quais as crianças e adolescentes hospitalizados possam explorar o ambiente através das suas brincadeiras e da interação com outro foi reconhecida juridicamente através da Lei Federal 11.104 de março de 2005, que torna obrigatória a instalação de brinquedotecas em instituições de saúde que atendem crianças e adolescentes em regime de internação, configurando-se uma ferramenta de humanização do ambiente hospitalar.

Assim, o setor de psicologia do Hospital Universitário Lauro Wanderley, reconhecendo a importância do brincar para um desenvolvimento saudável da criança, destaca a necessidade de um perfil do profissional de psicologia voltado a uma postura atenda as necessidades dos pacientes, na qual se somem habilidades científicas e, principalmente, habilidades na comunicação permitindo uma visão mais sensível das peculiaridades do paciente e sua família. E é nesse sentido que a experiência da psicologia na pediatria do hospital, é voltada a uma perspectiva humanizadora da assistência, que busca oferecer à clientela atendida um acolhimento integral, que coloca, no mesmo patamar de prioridade, o atendimento das necessidades biológicas, psicológicas, sociais e espirituais implicadas no processo de adoecer e a possibilidade do paciente de assumir uma postura ativa diante da doença, a qual é viabilizada pelo recurso lúdico, por ser considerado um importante instrumento de intervenção terapêutica e de promoção da resiliência.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do setor de psicologia na pediatria com a utilização de ludoterapia para os pacientes em regime de internação na clínica pediátrica do HULW.



- Metodologia;

Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, do tipo relato de experiência da prática profissional em Psicologia Hospitalar, desenvolvida no HULW, a partir da descrição das intervenções psicológicas que são realizadas a partir de recursos lúdicos.

O local onde foram realizadas as intervenções é a Clínica Pediátrica do HULW, que conta atualmente com 32 leitos, divididos em quatro enfermarias com quatro leitos cada, seis enfermarias com dois leitos cada e quatro enfermarias com um leito. A clínica conta com uma psicóloga de referência, que atua diariamente, e uma residente em psicologia que permanece geralmente por seis meses anuais.

A pediatria conta também com o espaço da brinquedoteca hospitalar, na qual os brinquedos estão sempre à disposição dos pacientes, não havendo restrição de uso, a não ser nos casos em que a criança está impossibilitada de deambular, seja por limitações físicas ou isolamento protetor ou de contato, quando, então, a equipe de brinquedistas separa alguns brinquedos e leva no leito do paciente.

- Resultados e Discussão;

No ambiente hospitalar, o trabalho com a ludoterapia pode ser realizado através de diversas técnicas e recursos, e, inicialmente, o objetivo do uso do brincar é a formação de vínculo terapêutico, por isso, neste momento, observou-se que o uso da brincadeira livre permite uma maior aproximação da criança, além de servir para uma observação global da mesma.

Para avaliação de conteúdos emocionais, cognitivos e comportamentais frente à hospitalização, utilizamos geralmente o desenho, visando facilitar a organização de informações e a elaboração das experiências vividas, como também a criação de histórias pelas crianças, nas quais o psicólogo analisará os padrões de pensamento, resolução de problemas e reações emocionais dos personagens trazidos (FRIEDBERG; MCCLURE, 2004; DIAS; BAPTISTA; BAPTISTA, 2014).

No dia-a-dia na pediatria, percebemos uma constante falta de informações, ou dificuldades na compreensão de todo processo de hospitalização, tanto por parte dos



familiares, quanto pelas crianças, o que traz dificuldades na adesão, desta forma, para ajudar na explicação sobre a doença e o tratamento que está sendo realizado, recursos lúdicos como, brinquedos dirigidos, folders elucidativos, livros de histórias terapêuticas, entre outros, tornam-se muito importantes, o que corrobora com o que traz Figueiredo et al (2009), quando coloca que o processo educativo faz com que o psicólogo identifique comportamentos e pensamentos distorcidos/difuncionais da criança, que acabam gerando aflição e sofrimento.

Uma das dificuldades que encontramos no trabalho com crianças hospitalizadas é a colaboração delas na hora dos procedimentos invasivos, por isto, a preparação da criança para passar por esses procedimentos torna-se essencial, e, para isto, pode-se usar o ensaio comportamental através do uso de modelagem com materiais lúdicos hospitalares, trazendo a explicação de todo procedimento e reações que poderão ocorrer, para assim, prevenir crises e minimizar a ocorrência de comportamentos não colaborativos (SOARES; BOMTEMPO, 2004). Nos casos de crianças mais novas, utilizamos mais as técnicas de distração, colocando brinquedos por perto, para que tirem o foco do procedimento doloroso e reduza, se possível, o desconforto.

Quando as crianças necessitaram de realizar uma cirurgia, geralmente elas encontram-se ansiosas devido ao medo de sentir dor, da anestesia e da transformação corporal que possa ocorrer, então, na nossa prática utilizamos como recurso lúdico o livro infantil “A cirurgia de Vivi”, que traz registros fotográficos e ilustrações lúdicas do ambiente, instrumentos e equipamentos, como máscara anestésica, oxímetro e mesa cirúrgica, que facilitam a desmitificação do procedimento ao qual se submeterá. A medida que vamos lendo, interagimos com a criança para que ela possa expressar seus sentimentos e assim, proporcionamos uma maior segurança e favorecemos uma postura mais colaborativa, amenizando o clima ansiogênico.

Quando percebemos no paciente estados de angústia diante a hospitalização, gerando apatia, utilizamos histórias que narram a transformação dos personagens, para, assim, oferecer esperança. Geralmente criamos essas histórias a partir da problemática de cada paciente, ou até exemplificamos com outras pessoas que também passaram pela mesma situação, pois, como nos traz Friedberg e McClure (2004), temas como crescimento emocional e aquisição de habilidades podem ser narrados através de detalhamento da metamorfose ocorrida no personagem, que consegue passar de uma circunstância negativa para outra mais otimista. Outro recurso lúdico que no nosso cotidiano utilizamos para auxiliar neste processo de

mudança é o jogo do quebra-cabeça, pois, com o qual, mostramos a criança a necessidade de paciência diante das dificuldades e que ela precisa enxergar as coisas de vários ângulos, para que no final tudo se encaixe.

Utilizamos também o espaço da brinquedoteca hospitalar do HULW para incentivar à participação em atividades sociais e prazerosas, já que estas tendem a diminuir a ocorrência de comportamentos de retração ou isolamento. Na brinquedoteca a criança pode brincar com suas fantasias, seus medos e tudo o que ela desejar. Neste ambiente, é possível utilizar as mais diversas técnicas e formas de brincar como: arteterapia, dramatizações, musicoterapia, brinquedos diversos e educativos, atividades especiais e comemorações de datas festivas (RIBEIRO, et al, 2014).

Na brinquedoteca do HULW, além das atividades rotineiras realizadas, para tentar trazer um contato com o mundo real, são realizadas as festividades de datas comemorativas, como carnaval, Páscoa, São João, Dia das Crianças, Natal, entre outras, visando favorecer a socialização entre os participantes, pois, na medida em que interação de maneira ativa durante as brincadeiras, reforçam significativamente os afetos estabelecidos entre os mesmos.

Propostas desta natureza colaboram, portanto, para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes e seus familiares que sofrem, em maior ou menor grau, diante das consequências negativas do processo de adoecimento e hospitalização.

Dentre as atividades realizadas pela psicologia, com a participação dos residentes multiprofissionais, na pediatria do HULW, está a realização de grupo de apoio aos acompanhantes com objetivo de acolher as vivências e utilizar técnicas de relaxamento. Incentivamos também a participação dos acompanhantes nas atividades recreativas, e percebemos, com isso, a diminuição do estresse e ansiedade, aumento na ocorrência de comportamentos colaborativos.

- Conclusões;

Diante do exposto, percebe-se que realizar intervenções psicológicas que utilizem o brincar, colabora com a criação de novas formas da criança lidar com a doença e a hospitalização, proporcionando uma melhor qualidade de vida durante a permanência hospitalar. Nesse sentido, considera-se a criança e o adolescente como um todo e não apenas a relacionada a sua patologia e os sintomas psíquicos



que acompanham o adoecer e a hospitalização, trazendo, dessa forma, um olhar mais humanizado, incluindo o brincar com um sentido mais amplo do que simplesmente ocupar e distrair a criança para a facilitação da realização dos procedimentos.

A intervenção lúdica facilita, desta forma, a comunicação, possibilita a construção e reconstrução da própria individualidade pela criança, constituindo-se como um recurso auto cicatrizante na infância, exemplificado através do comportamento mais colaborativo, diminuição das reações agressivas diante de alguns procedimentos.

Outro aspecto que merece destaque é o caráter multidisciplinar do brincar, mostrando aos profissionais de saúde uma nova maneira de relação terapêutica, que inclui envolvimento afetivo com o ser doente e sua família, constituindo assim, uma verdadeira relação de ajuda, baseada em atitudes que refletem sensibilidade, respeito e aceitação.

Assim, espera-se que este trabalho, suscite ideias para a criação de instrumentos lúdicos a partir da vivência com cada paciente, que, enquanto pessoa única e através de sua subjetividade, desperta a necessidade de um plano de cuidado individualizado, o qual é edificado conforme a criatividade do terapeuta, não limitando-se, este último, a um modelo teórico e um conjunto de técnicas pré-determinadas.

A maior conquista observada é a progressiva e contínua mudança no clima psicológico do ambiente das enfermarias a partir de um novo olhar sobre a pessoa da criança enferma pela equipe de saúde, que oferece um modelo de interação pautado na empatia e no reconhecimento e legitimação dos sentimentos expressos pela criança.

Nesta perspectiva, o brincar deve fazer parte da prescrição médica, ocupando um lugar de destaque no âmbito da promoção da saúde e atendimento integral à criança.

- Referências Bibliográficas;

AXLINE, V. M. Ludoterapia. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

BISCH N. K.; SANCHEZ M. M. A revelação do Diagnóstico na Perspectiva das Crianças Vivendo com HIV/AIDS. In: RUDNICKI T.; SANCHEZ M. M (orgs) **Psicologia da Saúde: a prática de terapia cognitivo-comportamental em hospital geral**. Novo Hamburgo: Synopsys, p.179-207, 2014.

BRASIL. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de**



instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Brasília (DF): Câmara dos deputados, 2005.

CASTRO, E. K. Psicologia pediátrica: a atenção à criança e ao adolescente com problemas de saúde. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 3, p. 396-405, 2007.

DIAS, R. R.; BAPTISTA, M. N.; BAPTISTA, A. S. D. Enfermagem pediátrica: avaliação e intervenção psicológica. In Baptista, M. N.; DIAS, R. R. **Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, (p. 176-196) 2014.

FIGUEIREDO, Â. L. et al. O uso da psicoeducação no tratamento do transtorno bipolar. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 11, n. 1, p. 15-24, 2009.

FRIEDBERG, R. D.; MCCLURE, J. M. **A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F. Intervenção psicológica lúdica para o enfrentamento da hospitalização em crianças com câncer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 3, p. 445-454, 2010.

OAKLANDER, V. **Descobrimos crianças – a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. (6ªed). São Paulo: Summus, 1980.

SOARES, M. R. Z.; BOMTEMPO, E. A criança hospitalizada: análise de um programa de atividades preparatórias para o procedimento médico de inalação. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 21, n. 1, p. 53-64, 2004.

RIBEIRO, A. B. S. et al. A ludoterapia e a criança hospitalizada: uma revisão sistemática. **Cadernos ESP**, v. 8, n. 1, p. Pág. 67-80, 2015.

WINNICOTT, D.W. **O brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.